

### MÁRIO DE ANDRADE

A fama começaria a vir por volta dos acontecimentos da Semana de Arte Moderna, que tiveram grande repercussão. Aos poucos seu nome começou a projetar-se nacionalmente. Seus livros provocavam a admiração de jovens escritores, que viam nele um homem culto, inteligente, dotado de muito humor e criatividade literária. Nesse terreno intelectual é que a liberdade de Mário se expandiu.

A primeira grande explosão tinham sido os versos livres da **Paulicéia Desvairada**, que provocou tanto espanto. O segundo livro refinava as experiências do primeiro: **Losango Cáqui, ou Afetos Militares de Mistura com os Porquês de Eu Saber Alemão**, tem um subtítulo intrigante, já que o poeta não explica os porquês "de ele saber alemão. Mas ali aparece sempre uma figura de mulher," de olhos matinais sem nuvens" e de "cabelos fogaRéu", por quem diz o poeta "meu coração estrala". Essa amada misteriosa, "parecida com a neve", existiu de fato: tratava-se de uma moça alemã, professora de línguas e preceptora em casa de ricas famílias paulistana e sua figura servir-lhe ia, ainda, de modelo para Fraulein, personagem do romance *Amar, Verbo Intransitivo*.

Mário **interessou-se a fundo pela vida brasileira, e fez pelo menos três viagens que marcaram sua obra: às cidades históricas de Minas Gerais, em 1924; ao Amazonas, em 1927; e ao Nordeste, em 1928/29**. Elas lhe deram a possibilidade de unir a pesquisa livresca ao contato com a realidade viva. E delas, certamente, parte o impulso que **permitiu a criação de vários livros, como Clã do jabuti, Macunaíma, Ensaio sobre a Música Brasileira etc.**

Depois da Revolução de 30, os homens do Modernismo voltaram-se quase todos para as preocupações políticas: a consciência da função social da literatura e das responsabilidades dos escritores foi assumida de modo pleno por eles. Em Mário, essa consciência esteve presente desde o começo, mas cresceu e tomou um lugar cada vez mais importante a partir dessa época.

Mário vive com angústia os acontecimentos que então se desenrolam: a sangrenta Segunda Guerra Mundial, os horrores da ditadura do Estado Novo. Odeia o fascismo, e se dirige cada vez mais para a esquerda, aproximando-se dos comunistas. Deseja uma arte social, utilitária e pragmática, capaz de servir para o aprimoramento do homem.

Entretanto, essas últimas reflexões, que anunciam uma nova etapa do seu pensamento, ficariam inconclusas. Desgastado pelo trabalho e pela amargura que o afligia tanto, **o escritor faleceu em 25-02-1945, vítima de ataque cardíaco.**

### A poesia: um canto de amor a São Paulo e ao país

A trajetória poética de Mário de Andrade inicia-se com a publicação de **Há uma gota de sangue em cada poema (1917)**, em que o poeta, sob o pseudônimo de Mário Sobral, *critica a carnificina imposta pela Primeira Guerra Mundial e defende a paz*.

Mas foi **Paulicéia desvairada (1922)** a sua primeira obra moderna de fato. Vista hoje como uma obra que não alcançou um estágio mais elevado de poesia, na época ela agradou ao grupo modernista, pois *cumpriu o seu papel de destruir os padrões*

*literários vigentes e propor uma nova linguagem poética baseada no verso livre, nas rupturas sintáticas, nos flashes cinematográficos, nos neologismos, na elipse e na fragmentação.*

### PAISAGEM Nº 1

*Minha Londres das neblinas finas...  
Pleno verão. Os dez mil milhões de rosas paulistanas.  
Há neves de perfumes no ar.  
Faz frio, muito frio...  
E a ironia das pernas das costureirinhas  
Parecidas com bailarinas...  
O vento é como uma navalha  
Nas mãos dum-espanhol. Arlequinal. . .  
Há duas horas queimou Sol.  
Daqui a duas horas queima Sol.*

*Passa um São Bobo, cantando, sob os plátanos  
Um tralalá. . . A guarda-cívica! Prisão!  
Necessidade a prisão  
Para que haja civilização?  
Meu coração sente-se muito triste...  
Enquanto o cinzento das ruas arrepiadas  
Dialoga um lamento com o vento...*

*Meu coração sente-se muito alegre!  
Este friozinho arrebitado  
Dá uma vontade. de sorrir!*

*E sigo. E vou sentindo  
A inquieta alacridade da invernia,  
Como um gosto de lágrimas na boca...*

Explique a presença dos dois espaços presentes na primeira estrofe.

Como se explica, no contexto do poema, as contradições encontradas no eu-lírico?

Em 1926 Mário publica **Losango caqui**, uma obra de poemas escritos em 1922 e que, portanto, segue a orientação dos poemas "desvairistas".

**Em Clã do jabuti (1927) e Remate de Males (1930)**, obras escritas entre 1923 e 1930, Mário emprega o resultado das pesquisas folclóricas que empreendeu pelo Brasil entre 1924 e 1927, iniciando um período de grande fecundidade, do qual nasceria *Macunaíma*. Buscando o conhecimento e o registro do Brasil e de suas manifestações culturais, Mário introduz nessas obras as lendas, os costumes e o modo de falar regionais, os ritmos e as danças populares; samba coco, toada

### SAMBINHA

*Vêm duas costureirinhas pela rua das Palmeiras.  
Afobadas braços dados depressinha  
Bonitas, Senhor! que até dão vontade pros homens da rua.  
As costureirinhas vão explorando perigos  
Vestido é de seda.  
Roupa-branca é de morim.*

Falando conversas fiadas  
As duas costureirinhas passam por mim.  
- Você vai?  
- Não vou não!  
Parece que a rua parou pra escutá-las.  
Nem trilhos sapecas  
Jogam mais bondes um pro outro.  
E o Sol da tardinha de abril  
Espia entre as pálpebras sapiroquentas de duas nuvens.  
As nuvens são vermelhas.  
A tardinha cor-de-rosa...

Fiquei querendo bem aquelas duas costureirinhas...  
Fizeram-me peito batendo  
Tão bonitas, tão modernas; tão brasileiras!  
Isto é...  
Uma era ítalo-brasileira.  
Outra era áfrico-brasileira. ..  
Uma era branca  
Outra era preta.

Associe o aspecto físico das costureirinhas ao título. Tome como base as propostas modernas de primeira fase.

#### TEMPO DAS ÁGUAS

O gado estava amoitado na capoeira.  
Agora é a gupiara agachada no lombo do morro  
vazia que não tem mais fim.

De repente faz cócega na cara da gente  
A mão de chuva do vento.  
Tempo perdido se afobar,  
Ela já vem na cola do liburno.  
Olhe a folhinha seca.  
Salta que salta ressabiada, corcoveia,  
Desembestou. que nem potranca chucra pasto fora.  
Você quase nem tem tempo de vestir a capa boa . .  
E despenca a chuva de Deus:  
O espaço num átimo se enche de ar leviano  
E a água lava até a espinha da gente  
E encrespa a crina do animal. .  
Que gostosura!  
Você rejeita o forde da fazenda na porteira  
E continua tchoque tchoque na tujuqueira peguenta da estrada.

Em casa  
No brim novo com cheiro de ribeirão  
Você deita na rede da varanda  
Chupita o traço da abrideira...  
E se conversa..  
E se conversa sobre a baixa do café.

#### POEMA

Neste rio tem uma iara...

De primeiro o velho que tinha visto a iara  
Contava que ela era feiosa, muito!  
Preta gorda manquitola ver peixe-boi.  
Felizmente velho já morreu faz tempo.  
Duma feita, madrugada de neblina

Um moço que sofria de paixão

Por causa duma índia que não queria ceder pra ele,  
Se levantou e desapareceu na água do rio.  
Então principiaram falando que a lara cantava, era moça,  
Cabelos de limo verde do rio...  
Ontem o piá brincabrincando  
Subiu na igara do pai abicada no porto, .  
Botou a mãozinha na água funda  
E vai, a piranha abocanhou a mãozinha do piá.

Neste rio tem, uma iara...

#### MACUNAÍMA

##### Enredo

À semelhança dos relatos épicos ditos populares, Macunaíma é uma longa sequência de lendas variadas e justapostas e de numerosas ações, quase todas praticadas pelo herói homônimo e não raro apresentadas de forma um tanto desconexa. Dada a grande quantidade de eventos relatados e, mais ainda, dado o fato de quase todos terem, na economia da obra, importância mais ou menos igual se comparados entre si, torna-se praticamente impossível condensar organizadamente o enredo. De toda maneira, parecem ser os seguintes os principais eventos que formam a moldura narrativa da obra:

Às margens do Uraricoera, filho de uma Índia da tribo dos tapanhumas, nasce Macunaíma, um menino preto retinto e feio. Apenas aos seis anos começa a falar e uma das poucas coisas que repete continuamente é: "Ai, que preguiça". Contudo, é muito ativo em seus brinquedos com as mulheres. Tem dois irmãos mais velhos, chamados Maanape e Jiguê, e uma cunhada, Sofará, mulher do segundo. Quando esta o leva a passear, Macunaíma transforma-se em um belo príncipe e brinca com ela, o que irrita Jiguê, que a devolve aos pais e faz de Iriqui sua nova mulher, a qual, por sua vez, também brinca com Macunaíma. Desta vez, porém, Jiguê se conforma.

Por artes da cutia, que lhe dá um banho de água envenenada de mandioca, Macunaíma se transforma em homem, mas sua cabeça, a única parte do corpo que não fora molhada, fica pequena. Um dia sai à caça e encontra uma veada com cria e a mata. Fora uma peça que Anhangá lhe pregara, pois ao aproximar-se do animal morto vê que é a própria mãe. Aflito, chama Maanape, Jiguê e Iriqui e todos choram muito. Em seguida partem "por este mundo". A certa altura, Macunaíma encontra e, com a ajuda dos irmãos, possui Ci, a Mãe do Mato, rainha das icamiabas (uma tribo de "mulheres sozinhas", ou Amazonas), transformando-se, em virtude disto, em Imperador do Mato-Virgem. A viagem continua e Ci, que os acompanha, ao final de seis meses tem um menino de cor encarnada e cabeça chata. A cobra preta morde o peito de Ci. O menino suga o leite da mãe e morre. Depois do enterro do menino, Ci entrega a Macunaíma uma muiraquitã e sobe aos céus, utilizando-se de um cipó. Ao visitar o túmulo do filho no dia seguinte, Macunaíma vê que sobre ele nascera uma planta: era o guaraná.

Continuando a caminhada, Macunaíma e os irmãos enfrentam a boiúna Capei (cobra-grande). Na fuga, o herói perde a muiraquitã. Os três irmãos a procuram, mas sem resultado. Afinal, o Negrinho do Pastoreio envia a Macunaíma um uirapuru e este revela que a sua pedra-amuleto está nas mãos de Wenceslau Pietro Pietra, um regatão peruano que mora em São Paulo. Infeliz com a perda da muiraquitã, o herói resolve sair à sua procura e parte para a cidade referida. Os irmãos decidem partir com ele. No dia seguinte Macunaíma vai à ilha de Marapatá para ali deixar sua consciência e reunir o maior número possível de bagos de cacau, que têm valor

de dinheiro. Ali encontra uma poça de água, que, por ser a marca do pé de São Tomé o apóstolo que andara pela América, é encantada. Macunaíma entra nela e fica branco. Jiguê também se banha mas fica de cor vermelha, porque a água estava suja. E Maanape, como a poça ficara quase seca depois do banho de seus irmãos, consegue branquear apenas as palmas das mãos e dos pés.

Depois de assim transformados, chegam a São Paulo, se instalam em uma pensão e vão à casa de Wenceslau Pietro Pietra, que na verdade é Piaimã, o gigante comedor de gente. Piaimã mata o herói e dele faz torresmo para comer com polenta. Porém Maanape, com a ajuda de uma formiga e de um carrapato, consegue fazê-lo reviver, salvando-o do gigante. Depois de várias desavenças com os irmãos, durante a construção de um rancho quando inventa uma brincadeira chamada futebol, Macunaíma telefona a Piaimã, disfarçando sua voz e fazendo-se passar por uma francesa. Marca um encontro com ele e, travestido de mulher, vai à casa do gigante, que começa a namorá-lo e lhe mostra a muiraquitã, comprada, segundo diz, da imperatriz das icamiabas. Macunaíma assustado com as pretensões do gigante, resolve fugir. Contudo, Piaimã o agarra e o coloca num cesto. O herói consegue fugir de novo e é perseguido por um cachorro do regatão e pelo próprio, até chegar à Ilha do Bananal, onde se esconde em um formigueiro. Em determinado momento, quando o gigante já está fora de si e ameaça colocar uma cobra no formigueiro, Macunaíma põe fora o seu "sim senhor" (pênis) e Piaimã, sem dar-se conta, o agarra e o joga longe. O herói, é claro, vai junto... E chega a São Paulo novamente.

Aborrecido por não ter recuperado a muiraquitã, Macunaíma vai ao Rio de Janeiro pedir proteção a Exu, em um terreiro de macumba, no Mangue, onde Tia Ciata é mãe-de-santo. Uma polaca entra em transe e o herói é consagrado filho de Exu. Um a um os presentes fazem seus pedidos, a que Exu atende ou não. Macunaíma pede vingança contra o gigante Piaimã. Exu promete ajudar o herói e, ato contínuo, o gigante sofre, no corpo da polaca, uma série de torturas que Macunaíma vai solicitando. Enquanto isto, em São Paulo, Piaimã vai, paralelamente, sendo massacrado: surra, chifrada de touro, coice de bagual, etc. Depois que a polaca volta a si, os macumbeiros saem pela madrugada. Entre eles estavam Manu Bandeira, Raul Bopp, Blaise Cendrars, Ascenso Ferreira e outros. Em seguida, por vingança da árvore Volomã, da qual fizera cair todos os frutos, Macunaíma é lançado em uma pequena ilha deserta da Baía da Guanabara. Chega então Vei, a Sol, com suas três filhas. Todos juntos entram em uma jangada e aportam ao Rio de Janeiro. A Sol, que deseja casar uma de suas filhas com o herói, recomenda-lhe que se comporte direito, e em seguida parte. Contudo, vendo as mulheres da cidade, ele não agüenta. Grita "Pouca saúde e muita saúva os males do Brasil são", salta em terra e traz para a jangada uma portuguesa, vendedora de peixe. Vei, a Sol, volta e, encontrando o herói com a varina, diz lhe que se tivesse se comportado se casaria com uma das suas três filhas e ficaria jovem para sempre. Não o tendo feito, envelhecerá, como todos. Vei, a Sol, vai para a cidade, enquanto Macunaíma fica na jangada, com a portuguesa. À noite dorme em um banco, no Flamengo. Vê uma assombração medonha e foge. No outro dia está novamente em São Paulo, de onde escreve, num estilo que pretende ser clássico, uma carta para as icamiabas, contando sobre os costumes dos habitantes da cidade e pedindo-lhes dinheiro (bagos de cacau), pois gastara todo o que trouxera, principalmente com as donas paulistas, que cobram caríssimo por seus carinhos. Informa ainda que está para recuperar a muiraquitã.

Enquanto isto, Piaimã, que ficara doente com a surra, as chifradas e os coices resultantes da macumba, cuida muito bem da

muiraquitã, deitado em cima dela. O herói não consegue reaver a pedra-amuleto. Em suas andanças por São Paulo, Macunaíma interrompe a cerimônia do Dia do Cruzeiro, quando conta a lenda indígena do pai do Mutum, que é o verdadeiro Cruzeiro do Sul. Em seguida mete-se em um tumulto de rua, é preso e foge, passeando por todo o Brasil e voltando novamente a São Paulo, onde tenta, mais uma vez, entrar em contato com Piaimã. Pega sarampo e, ao melhorar, vai outra vez à casa do gigante, mas não o encontra, pois este tinha ido passear na Europa. Jiguê propõe ir atrás do gigante, mas a falta de dinheiro impede a realização da idéia. Os três, então, percorrem o Brasil novamente. A certa altura, encontram um macaco, que está comendo coquinhos. Este diz a Macunaíma que são seus próprios testículos. O herói acredita e, devido à grande fome, pega uma pedra e esmaga os seus, morrendo em seguida. Contudo, ressuscita logo e pede um palpite a Maanape para jogar no bicho. Maanape acerta e a partir de então os irmãos vivem da habilidade dele, e ficam morando sempre na pensão.

Macunaíma não abandona seu gosto pelas estripulias, roubando Suzi, a nova mulher que Jiguê arrumara. Certo dia, porém, Maanape lê nos jornais uma extraordinária notícia: Wenceslau Pietro Pietra, o gigante, voltara da Europa. A partir daí Macunaíma fica observando de longe a casa dele. O gigante, porém, agarra o chofer do carro em que Macunaíma chegara. O chofer cai em um tacho de macarrão fervendo. Percebendo que seu destino seria o mesmo, o herói entra em luta com o gigante, o engana e faz com que o próprio caia no tacho. Macunaíma recupera a muiraquitã, retorna para a pensão e, logo em seguida, parte com os irmãos para a região do Uraricoera. Quase ao final da viagem, cheia de eventos de vários tipos, Maanape e Jiguê morrem. Macunaíma consegue chegar 'A antiga tapera. Contudo, atacado de impaludismo, vive triste e só, tendo como companheiro apenas um papagaio, um areai falador, ao qual o herói, ao passar dos dias, vai contando suas aventuras. Certo dia de janeiro, sofrendo intensamente com o calor, Macunaíma não resiste e se atira em uma lagoa, sendo atacado por um cardume de piranhas. Estas lhe comem os lábios onde sempre trazia pendente a muiraquitã - e a pedra desaparece novamente. Desgostoso com o fato, planta um cipó, sobe ao céu e se transforma na constelação da Ursa Maior.

A terra do Uraricoera ficara deserta. Certa ocasião, um homem chega até lá e ouve uma voz. Era o aruaí falador, velho companheiro de Macunaíma. O papagaio conta ao homem toda a saga do herói e em seguida voa para Lisboa. E o homem era o autor do livro, Mário de Andrade.

#### **OSWALD DE ANDRADE ENCAIXO TUDO, SOMO, INCORPORO**

"Creio que a obra de Oswald não pode ser estudada desvinculada de sua vida", afirma em uma carta seu filho Rudá de Andrade. De fato, poucos autores mantiveram um vínculo tão estreito entre sua vida e sua produção literária como Oswald de Andrade: permanece na memória de sua lendária personalidade o retrato de alguém que agia como se fosse personagem, ao mesmo tempo em que suas personagens literárias sempre tiveram como fonte de inspiração a vida intensa e controvertida de Oswald de Andrade. Rememorá-lo obriga qualquer crítico a usar adjetivos como gênio inventivo, sarcástico, irreverente, de humor corrosivo, libidinoso, mordaz e outros.

Segundo suas próprias memórias, alguns acontecimentos da infância haveriam de marcá-lo pelo resto de sua existência. O primeiro deles, uma sexualidade precoce: **"A mais longínqua lembrança que tenho de vida pessoal, destacada do cáldo forno materno que me envolveu até os 20 anos, foi de caráter físico sexual,**

*evidentemente precoce. Está ela ligada a casa em que morávamos na rua Barão de Itapetininga, de jardimzinho ao lado. Sentando-me à porta da entrada e apertando as pernas, senti um prazer estranho que vinha das virilhas. Que idade teria? Três ou quatro anos no Máximo"*

*"A data de 1896 tem importância porque guarda minha primeira viagem. Na minha memória afetiva ficou a ideia de, aos seis anos, meus pais me levarem ao Guarujá"*

Esta recordação de infância vai ter um significado profundo na vida e na obra de Oswald de Andrade. Também suas viagens à Europa vão provocar, à distância, uma espécie de redescoberta do Brasil e uma consciência das próprias raízes. Estes aspectos serão fundamentais para a formulação e expressão de sua estética de vanguarda. *O sentido cosmopolita que aparece nas viagens de João Miramar e de Serafim Ponte Grande nada mais são do que projeções literárias das próprias vivências do autor.*

Oswald de Andrade será na infância o testemunho vivo de uma era em transição: "Havíamos dobrado a esquina de um século. Estávamos em 1900" ele afirma.

Oswald chega a viver em São Paulo ainda escravocrata, despertando para o seu processo de industrialização. Ele está no meio de duas forças: a do patriarcalismo agrário, já passada, e a do início da tecnologia urbana. "Nossos pais vinham do patriarcado rural, nós inaugurávamos a era da indústria", ele afirma com lucidez na mirada retrospectiva de sua vida

*Assim, os meios de comunicação de massa como o cinema, o rádio, a linguagem da propaganda, são rapidamente assimilados pelo poeta. "Postes da Light", em Poesia Pau-Brasil, é um exemplo de poema cujo estilo vem contaminado pela síntese vertiginosa causada pela nova paisagem urbana; suas principais personagens são a multidão, os novos meios de transporte, o fonógrafo, o cinema, etc. Exemplo vivo desta fascinação pelo moderno é o famoso Cadillac verde que Oswald possuía nesta época.*

*Das memórias de infância, a última, que parece ser extremamente significativa na futura formação de sua personalidade, foi a descoberta do circo: "O circo foi um deslumbrado céu aberto na segura de emoções que me cercava. Não só a banda de música, ginastas, cavalos e feras. Mas era o espetáculo em si que subvertia a monotonia do meu cotidiano.*

*Dessa visão, deriva um sentido burlesco do mundo, que acaba por subverter tudo. A ironia, o humor e a dimensão paródica representam uma interpretação carnavalesca da vida, que pode ter sido inspirada nessa descoberta inicial e que teria gerado a possibilidade de entender o mundo através do gesto cênico.* É desta maneira que Oswald de Andrade consegue atingir uma profunda visão crítica da sociedade em que viveu, incorporada numa das personalidades e numa das linguagens mais ricas, mais instigantes e, acima de tudo, mais modernas de nossa literatura.

#### MEMÓRIAS SENTIMENTAIS DE JOÃO MIRAMAR

Memórias Sentimentais de João Miramar é o primeiro grande romance da prosa modernista brasileira. Redigido entre 1916 e 1923 foi publicado em 1924. Composto de 163 episódios numerados, tem por personagem principal João Miramar. A montagem fragmentária do romance impossibilita uma leitura tradicional e linear da história. o "enredo" se inicia na infância do herói, sugerida pela linguagem propositadamente infantil dos primeiros capítulos. Ainda adolescente, e com grande inclinação para a boêmia, Miramar faz sua Primeira viagem à Europa, a bordo do navio Marta. O romance assume, a partir daqui a forma de um verdadeiro diário de viagem, que acentua o cosmopolitismo dos pontos turísticos da Europa. De volta ao Brasil por causa do

falecimento de sua mãe, João Miramar casa-se com Célia, sua prima mantendo, ao mesmo tempo um romance com a atriz Rocambola, o que vai provocar seu posterior desquite.

No final do romance, o herói fica viúvo, é abandonado pela amante ele vai à falência, devido à má aplicação de fundos na indústria cinematográfica. Nos últimos fragmentos, notamos o amadurecimento de João Miramar que, retrospectivamente, redige as Memórias que o leitor está lendo.

#### 3. GARE DO INFINITO

*Papai estava doente na cama e vinha um carro e um homem e o carro ficava esperando no jardim.*

*Levaram-me para uma casa velha que fazia doces e nos mudamos para a sala do quintal onde tinha uma figueira na janela.*

*No desabar do jantar noturno a voz toda preta de mamãe ia me buscar para a reza do Anjo que carregou meu pai.*

#### 5. PERIGO DAS ARMAS

*Entrei para a escola mista de D. Matilde.*

*Ela me deu um livro com cem figuras para contar a mamãe a história do rei Carlos Magno.*

*Roldão num combate espetou com um pau a gengiva aflita do Maneco que era filho da venda da esquina e mamãe botou no fogo a minha Durindana.*

#### 8. FRAQUE DO ATEU

*Sai de D. Matilde porque marmanjo não podia continuar na classe com meninas.*

*Matricularam-me na escola modelo das tiras de quadros nas paredes alvas escadarias e um cheiro de limpeza.*

*Professora magrinha e recreio alegre começou a aula da tarde um bigode de arame'espetado no grande professor Seu Carvalho.*

*No silêncio tic tac da sala de jantar informei mamãe que não havia Deus porque Deus era a natureza.*

*Nunca mais vi o Seu Carvalho que foi para o Inferno.*

#### 9. BOLACHA MARIA

*Passava os dias na sala violeta de Monsieur Violet. Ele nunca abria a janela da rua mas eram quatro horas por causa de uma escola da vizinhança que os meninos passavam conversando e jogando tostão e bolinha.*

*Lá dentro uma máquina de costura saía da gare.*

*Amanhécia na saleta abandonada pelo mestre.*

*Era Madô de meias baixas saias curtas e pela mão vacilante nos palmitos o último rebento dos Violet. Ficava sorrindo pesquisando meus livros desenhos mapas do secreto Mundo.*

*O guri despegava a mãozinha do braço distraído e fazia a volta científica da poltrona e gritava cabelos amostras.*

*Ela era um jorro das mangas rendadas das pernas louras abertas.*

*lam-se numa procissão de passos. Longe a máquina voltava à plataforma quieta da costura.*

#### 16. BUTANTÃ

*Prima Nair que estava interna com as irmãs bochechudas Célia e Cotita noutra colégio mandou uma carta ao Pantico dizendo assim: "Já sabes que estou na classe amarante? As meninas aqui não são tão maliciosas como no internato de Miss Piss. Mas... nunca vi que espírito civilizado elas têm. Pois como elas não têm moços para namorar elas namoram-se entre si. Todas têm um namorado como elas dizem e é uma outra menina: uma faz o moço e outra a moça".*

E quando elas se encontram, se beijam como noivos. Por mais que não se queira ficar como elas, inconscientemente fica-se. As meninas de agora não são como as de Outro tempo. Logo nascerão sabendo. Uma de seis anos não é inocente; já têm desde pequenas aqueles olharezinhos que mais tarde servirão para a malícia.

Eu só comecei saber a vida aos dez anos. Hoje em dia com sete já se sabe tudo!"

Obs Um dos artifícios para a montagem do livro é a inclusão de cartas, como esta.

#### 19. BICICLETA DE ONÃ

De Águas Enxutas, por sob galhos quituteiros de tias longes, o Pantico desterrado em férias, escreveu-me:

"Já mandei duas cartas para mamãe pensando que elas chegaram quanto antes mas até hoje não chegaram.

Estou aqui sem nenhum divertimento. O rio é muito perigoso e pequeno. E também não tem meninos. Passo os dias que nem na fazenda que não tinha nada para fazer senão vícios. Vou fazer como lá se mamãe não quiser mandar a bicicleta que já estou pedindo".

#### 43- VENEZA

Descuidosas coisas novas pingaram dias felizes na cidade diferente dos doges.

Descidos da janela do hotel o estrangulamento de palácios minava sob relógio de vidro negro com horas áureas na direção da praça bizantina.

O campanile cercado de pombas era um fuso brônzeo bá-om!

Pequenas ruas ostentavam durante o dia um comércio completo de cidade visitada com serenatas noturnas.

Cristais joias couros lavrados marfins caíam com xales italianos de cores vivas nos canais de água suja.

Gondolamos graciosamente na Ponte de Rialto e suspiramos na outra .

Mas São Marcos era uma luz elétrica noturna de banho turco num disparate de mundiais elegâncias aviadoras rodeando concertos servidos com sorvetes.

**A Praça de São Marcos, em Veneza, monumento extraordinário da arquitetura renascentista italiana, fica nesta descrição reduzida ao efeito pop, isto é, seus tradicionais pombos cedem lugar a elementos diários da vida burguesa: banho turco, aviação, sorvete.**

#### 44. MONT-CENIS

O alpinista  
de alpenstock  
desceu  
nos Alpes

**Observe como textos da poesia Pau-Brasil se constituem em fragmentos do romance.**

#### 47. SOHO SQUARE

Picadilly fazia fluxo e refluxo de chapéus altos e corredores levando ingleses duros para música e talheres de portas móveis e portas imóveis.

Elevadores klaxons cabs tubes caíam de avião na plataforma preta de Trafalgar. Mas nosso quarteirão agora grupava nas calçadas casquettes heterogêneas penetrando sem nariz no whisky dos bars. Bicletas levantavam coxas velhas de girls para napolitanos vindos da Austrália. E Isadora Duncan helenizava operetas no Hipódromo.

**A eliminação de qualquer nexos sintático faz da enumeração um traço moderno na prosa vanguardista de Oswald de Andrade. Observe como Trafalgar Square, praça londrina, é evocada a partir**

**de uma série de elementos: elevadores, táxis, buzinas, metrô são como flashes da paisagem urbana.**

#### 60. NAMORO

Vinham motivos como gafanhotos para eu e Célia comermos amoras em moitas

Requeijões fartavam mesas de sequilhos.

Destinos calmos como vacas quietavam nos campos de sol parado.

A vida ia lenta como poentes e queimadas.

Um matinal arranjo desvolto de ligas morenava coxas e cachos.

#### 62. COMPROMETIMENTO

O Forde levou-nos para igreja e notário entre matos derrubados e a vasta promessa das primeiras culturas.

Jogaram-nos flores como bênçãos e sinos tilintintaram

A lua substituiu o sol na guarita do mundo mas o dia o a continuou tendo havido entre nós apenas uma separação precavida de bens.

#### 63. IDIOTISMOS

Um crayon de um arquiteto de Paris que tínhamos visto antes do casamento dera-nos a inveja desesperada de uma calma existência a dois, com pijama e abatjourns, sob a guarda dos antigos deuses do home

Iríamos em tournée à Europa. E pela tarde lilás do Bois, ela guiaria a nossa Packard 120 H.P. Sairíamos nas férias pelos caminhos sem mata-burros nem mamangavas nem taturanas e faríamos caridade e ouviríamos a missa dos bons curas nas catedrais da Média Idade. E prosseguiríamos por hotéis e hotéis, olhos nos olhos etc.

Na rentrée falar-nos-ia à noite a voz telepática da radiola do foyer. Ou penetraríamos nos dancings a fim de fox-trotar com sanfona e champagne.

#### 75. NATAL

Minha sogra ficou avó.

#### 129. ATO III CENA I

Na preguiça solar da mesma sala grande onde fomos felizes casais, Célia e a cadeira de balanço choravam como um tango.

- Já viu sua filha como está grandinha?

- Já.

- Nem se importa mais com ela. Ela teve sarampo e gripe. Quase ficou com o olho torto. (Um silêncio cheio de moscas.) Diga a verdade! Recebi uma carta anônima contando tudo. Não há nada mais triste do que ser enganada. Você está apaixonado por essa atriz, Joãozinho! Conte tudo. Acho você envelhecido, preocupado, com cara de viciado, Joãozinho!

O narrador fala da descoberta da amante de João Miramar da maneira mais melodramática possível: veja a forma teatral do texto, iniciada no título do fragmento, assim como a referência ao tango - paródia de sua própria situação. Observe também que o capítulo anterior já antecipa a situação, no significativo título "Chifres".

#### Manuel Bandeira (1886-1968)

##### CARACTERÍSTICAS LITERÁRIAS

Mário de Andrade e Oswald de Andrade parecem ter exercido certa influência sobre a escolha de Bandeira, ao decidir romper com as barreiras da tradição e partir para o experimentalismo, presente em obras como o *Ritmo Dissoluto* e *Libertinagem*, escritas na "fase heroica" do Modernismo.

A poesia de Manuel Bandeira nasce parnasiana e simbolista e, aos poucos, se distingue como "o melhor verso livre em português". O poeta transita do Parnasianismo ao Modernismo e experiências concretistas, conservando e adaptando os ritmos e forças mais regulares.

Em sua obra, o aspecto biográfico, marcado pela tragédia e tuberculose, é poderoso, constando até em obras nitidamente modernas, como *Libertinagem*. Há, ainda, a marca da melancolia, da paixão pela vida e das imagens brasileiras. As figuras femininas surgem envoltas em "ardente sopro amoroso", enquanto outros poemas tratam da condição humana e finita sem deixar de demonstrar o desejo de transcendência como em *Momento num Café*, *Contrição*, *Maçã*, *A Estrela* e *Boi Morto*.

ORAÇÃO A NOSSA SENHORA DA BOA MORTE

*Fiz tantos versos a Teresinha...  
Versos tão tristes, nunca se viu!  
Pedi-lhe coisas. O que eu pedia  
Era tão pouco! Não era glória  
Nem era amores. . . Nem foi dinheiro...  
Pedia apenas mais alegria.  
Santa Teresa nunca me ouviu!*

*Para outras santas voltei os olhos.  
Porém as santas são Impassíveis  
Como as mulheres que me enganaram.  
Desenganei-me das outras santas  
(Pedi a muitas, rezei a tantas)  
Até que um dia me apresentaram  
A Santa Rita dos Impossíveis.*

*Fui despachado de mãos vazias!  
Dei volta ao mundo, tentei a sorte.  
Nem alegrias mais peço agora,  
Que eu sei o avesso das alegrias.  
Tudo que viesse, viria tarde!  
O que na vida procurei sempre,  
- Meus impossíveis de Santa Rita  
Dar-me-eis um dia, não é verdade?  
Nossa Senhora da Boa Morte!*

VULGÍVAGA

*Não posso crer que se conceba  
Do amor senão o gozo físico!  
O meu amante morreu bêbado,  
E meu marido morreu tísico!*

*Não sei entre que astutos dedos  
Deixei a rosa da inocência.  
Antes da minha pubescência  
Sabia todos os segredos...*

*Fui de um .... Fui de outro... Este era médico  
Um, poeta ... Outro, nem sei mais!  
Tive em meu leito enciclopédico  
Todas as artes liberais.*

*Aos velhos dou o meu engulho.  
Aos fêrvidos, o que os esfrie.  
A artistas, a coquetterie  
Que inspira... E aos tímidos, - o orgulho.*

*Estes, cação-os e depeno-os:  
A canga fez-se para o boi...  
Meu claro ventre nunca foi  
De sonhadores e de ingênuos!*

*E todavia se o primeiro  
Que encontro, fere toda a lira,  
Amanso. Tudo se me tira.  
Dou tudo. E mesmo... dou dinheiro...*

*Se bate, então como o estremeço!  
Oh, a volúpia da pancada!  
Dar-me entre lágrimas, quebrada  
Do seu colérico arremesso...*

*E o cio atroz se me não leva  
A valhacouts de canalhas,  
É porque temo pela treva  
O fio fino das navalhas...*

*Não posso crer que se conceba  
Do amor senão o gozo físico!  
O meu amante morreu bêbado,  
E meu marido morreu tísico!*

O "Epílogo", apesar de ser o último poema, explica a razão de cada um deles: O meu Carnaval sem nenhuma alegria! . . .".

*Eu quis um dia, como Schumann, compor  
Um Carnaval todo subjetivo:  
Um Carnaval em que o só motivo  
Fosse o meu próprio ser interior ...  
Quando o acabei - a diferença que havia!  
O de Schumann é um poema cheio de amor,  
E de frescura, e de mocidade . . .  
E o meu tinha a morta morta-cor  
Da senilidade e da amargura ...  
-O meu Carnaval sem nenhuma alegria! ...*

Manuel Bandeira difere de seus parceiros da 1ª fase do Modernismo brasileiro em virtude de ter-se voltado para sua realidade interior e tentar explicar-se.

Sua vida foi marcada pela tuberculose mal curada e pela perda de seu pai e irmãos, entre 1918 e 1922, que lhe parece ter dado um desejo de desertar da vida. Sua obra confunde-se com sua existência, levando-nos a identificar o "eu-lírico" de seus poemas com o próprio poeta.

*Libertinagem* é composto por 38 poemas, sendo dois em francês. É nesta obra que Bandeira configura-se como um autor verdadeiramente modernista, quer nos temas, quer na forma.

Os temas são os mais variados, tais como:

— **A infância**, as pessoas ligadas a ela e sua cidade natal, que servem de refúgio ao "eu-lírico" (poeta descontente e infeliz); esses elementos aparecem como lenitivo de sua dor no presente. Poemas: *O Anjo da Guarda*, *Porquinho-da-Índia*, *Evocação do Recife*, *Profundamente*, *Irene no Céu*, *O Impossível Carinho*, *Poema de Finados*.

— **Imagens brasileiras**, que evocam lugares, tipos populares e a própria linguagem coloquial do Brasil, transformando o cotidiano em matéria poética.

Poemas: *Mangue*, *Evocação do Recife*, *Lenda Brasileira*, *Cunhantã*, *Camelôs*, *Belém do Pará*, *Poema tirado de uma notícia de jornal*, *Macumba de Pai Zusé* e *Pensão Familiar*.

— **Anseio de liberdade vital**, onde o “eu-lírico” (poeta melancólico, solitário e irônico) extravasa seus ideais libertários quer de sentimentos e desejos vitais, quer estéticos.

Poemas: **Não sei dançar, Na boca, Vou-me embora pra Pasárgada, Poética, Comentário Musical e O Último Poema.**

— **Visão desiludida e irônica da vida**, mostrando uma melancolia profunda que gera, às vezes, uma visão surrealista com final inesperado ou um desejo de mudança.

Poemas: **Não sei dançar, O Cacto, Pneumotórax, Comentário Musical, Chambre Vide, Banheur Lyrique, Poema tirado de uma notícia de jornal, A Virgem Maria, O Major, Oração a Terezinha do Menino Jesus, Andorinha, Noturno da Parada Amorim, Noturno da Rua da Lapa, O Impossível Carinho, Poema de Finados e O Último Poema.**

— **Amorosos**, ora apresentando sentimentos puros e inocentes, ora apresentando imagens femininas eróticas.

Poemas: **Mulheres, Porquinho-da-Índia, Tereza, Madrigal tão engraçadinho, Na Boca e Palinódia.**

Em relação à forma, Bandeira não emprega nenhuma métrica padrão, variando da redondilha maior em **Vou-me embora pra Pasárgada** até versos de dezessete sílabas poéticas como em **Namorados**; dentro de um mesmo poema percebem-se inúmeras variações.

Há em alguns textos a preocupação com a disposição gráfica, como em **Evocação do Recife**. Tal preocupação não é revelada em relação à rima, porém sua maior expressão está na força da palavra. Esta é coloquial, cotidiana, mas empregada com brilhantismo, não desprezando seu aspecto sonoro, o que acaba por fornecer ao poema um ritmo pessoal e harmonioso que, somado à emoção, assemelha-se a uma canção.

Os textos que se seguem foram retirados da obra **Libertinagem & Estrela da Manhã** de Manuel Bandeira, da Editora Nova Fronteira.

#### **Não sei Dançar (Fragmentos)**

*Uns tomam éter, outros cocaína.*

*Eu já tomei tristeza, hoje tomo alegria.*

*Tenho todos os motivos menos um de ser triste.*

*Mas o cálculo das probabilidades é uma pilhéria...*

*Abaixo Amiel!*

*E nunca lerei o diário de Maria Bashkirtseff.*

*Sim, já perdi pai, mãe, irmãos.*

*Perdi a saúde também.*

*É por isso que sinto como ninguém o ritmo do jazz-band.*

*Uns tomam éter, outros cocaína.*

*Eu tomo alegria!*

*Eis aí por que vim assistir a este baile de terça-feira gorda.*

*Mistura muito excelente de chás...*

*Esta foi açafata...*

*— Não foi arrumadeira.*

*E está dançando como o ex-prefeito municipal:*

*Tão Brasil! Petrópolis, 1925*

O poema acima inicia a obra **Libertinagem** e já nos dá ideia de qual será o tom da obra.

À primeira vista, percebe-se um poema em versos brancos e livres, em que a estrofação é irregular, notando-se a preocupação gráfica do poeta.

O “eu-lírico”, impossibilitado de dançar (“Não sei dançar”), observa o baile carnavalesco tão brasileiro, onde tipos humanos dos mais diversos, como o japonês que mistura idiomas (“acugelê banzai”), a arrumadeira, o ex-prefeito, a filha do usineiro e a

crioula imoral mesclam-se num mesmo ambiente, esquecendo-se da situação de seu país.

Assim como alguns empregam drogas para se livrarem da melancolia, o poeta “bebe” a terça-feira gorda que lhe entra pelos olhos.

Seu tom é melancólico e irônico, chegando a Amiel, poeta suíço dono de espírito inquieto e ativo que constantemente era paralisado pela sua timidez mórbida, além de Maria, prosadora russa, em cuja obra citada no poema percebe-se a luta e o desespero de seu espírito inquieto e melancólico, tal como o do poeta.

#### **Irene Preta**

*Irene preta*

*Irene boa*

*Irene sempre de bom humor.*

*Imagino Irene entrando no céu:*

*— Licença, meu branco!*

*E São Pedro bonachão:*

*— Entra, Irene. Você não precisa pedir licença.*

Irene preta é uma das figuras mais famosas e queridas da infância do poeta. Aqui, seu “eu-lírico” presta-lhe uma homenagem muito especial. **Atente para a linguagem coloquial com frases nominais.**

#### **Poética**

*Estou farto do lirismo comedido*

*Do lirismo bem comportado*

*Do lirismo funcionário público com livro de ponto {expediente protocolo e manifestações de apreço ao Sr. diretor*

*Estou farto do lirismo que para e vai averiguar no {dicionário o cunho vernáculo de um vocábulo*

*Abaixo aos puristas*

*Todas as palavras sobretudo os barbarismos universais*

*Todas as construções sobretudo as sintaxes de exceção*

*Todos os ritmos sobretudo os inúmeráveis*

*Estou farto do lirismo namorador*

*Político*

*Raquítico*

*Sifilítico*

*De todo o lirismo que capitula ao que quer que seja fora de si mesmo.*

*De resto não é lirismo*

*Será contabilidade tabela de co-senos secretário do amante exemplar com cem modelos de cartas e as {diferentes maneiras de agradar às mulheres, etc.*

*Quero antes o lirismo dos loucos*

*O lirismo dos bêbados*

*O lirismo difícil e pungente dos bêbados*

*O lirismo dos clowns de Shakespeare*

*— Não quero mais saber do lirismo que não é libertação.*

**Poética** é a síntese da concepção de um poema moderno do autor, sendo, portanto, metalinguístico.

Para o “eu-lírico”, um poema não deve seguir regras externas ao “eu” interior do poeta. Ele é contra todas as normas sintáticas, semânticas ou poéticas, numa oposição clara aos poetas parnasianos.

Prefere o lirismo, isto é, expressão dos sentimentos do “eu-lírico” livres e espontânea como a dos bêbados e dos clowns de Shakespeare.

NAMORADOS

*O rapaz chegou-se para junto da moça e disse:*

*-Antônia, ainda não me acostumei com o seu corpo, com a (sua cara.*

*A moça olhou de lado e esperou.*

*-Você não sabe quando a gente é criança e de repente vê (uma lagarta listada?*

*A moça se lembrava:*

*- A gente fica olhando. .*

*A meninice brincou de novo nos olhos dela.*

*O rapaz prosseguiu com muita doçura:*

*- Antônia, você parece uma lagarta listada.*

*A moça arregalou os olhos, fez exclamações.*

*O rapaz concluiu:*

*Antônia, você é engraçada! Você parece louca.*

Contextualize o texto dentro da produção poética de Manuel Bandeira

PORQUINHO-DA-ÍNDIA

*Quando eu tinha seis anos*

*Ganhei um porquinho-da-índia.*

*Que dor de coração me dava*

*Porque o bichinho só queria estar debaixo do fogão*

*Levava ele pra sala*

*Pra os lugares mais bonitos mais limpinhos*

*Ele não gostava:*

*Queria era estar debaixo do fogão.*

*Não fazia caso nenhum das minhas ternurinhas...*

*- O meu porquinho-da-índia foi a minha primeira (namorada.*

MADRIGAL TÃO ENGRAÇADINHO

*Teresa, você é a coisa mais bonita que eu vi até hoje (na minha vida, inclusive o porquinho-da-índia que me deram quando eu tinha seis anos.*

Tragédia Brasileira

*Misael, funcionário da Fazenda, com 63 anos de idade.*

*Conheceu Maria Elvira na Lapa-prostituta, com sífilis, dermite nos dedos, uma aliança empenhada e os dentes em petição de miséria.*

*Misael tirou Maria Elvira da vida, instalou-a num sobrado no Estácio, pagou médico, dentista, manicura... Dava tudo quanto ela queria.*

*Quando Maria Elvira se apanhou de boca bonita, arranhou logo um namorado.*

*Misael não queria escândalo. Podia dar uma surra, um tiro, uma facada. Não fez nada disso, mudou de casa. Viveram três anos assim.*

*Toda vez que Maria Elvira arranjava namorado, Misael mudava de casa.*

*Os amantes moraram no Estácio, Rocha, Catete, Rua General Pedra, Olaria, Ramos, Bonsucesso, Vila Isabel, Rua Marquês de Sapucaí, Niterói, Encantado, Rua Clapp, outra vez no Estácio, Todos os Santos, Catumbi, Lavradio, Boca do Mato, Inválidos...*

*Por fim na Rua da Constituição, onde Misael, privado de sentidos e de inteligência, matou-a com seis tiros, a polícia foi encontrá-la caída em decúbio dorsal, vestida de organdi azul.*

RONDÓ DE EFEITO

*Olhei para ela com toda a força.*

*Disse que ela era boa.*

*Que ela era gostosa,*

*Que ela era bonita pra burro:*

*Não fez efeito.*

*Virei pirata:*

*Dei em cima dela de todas as maneiras,*

*Utilizei o bonde, o automóvel, o passeio a pé,*

*Falei de macumba, ofereci pó..,*

*À toa: não fez efeito.*

*Então banquei o sentimental:*

*Fiquei com olheiras,*

*Ajoelhei,*

*Chorei,*

*Me rasguei todo,*

*Fiz versinhos,*

*Cantei as modinhas mais tristes do repertório do Nôzinho.*

*Escrevi cartinhas e pra acertar a mão li*

*Elvira a Morta Virgem, romance*

*primoroso e por tal forma comovente*

*que ninguém pode lê-lo sem derramar*

*copiosas lágrimas...*

*Perdi meu tempo: não fez efeito.*

*Meu Deus que mulher durinha!*

*Foi um buraco na minha vida.*

*Mas eu mato ela na cabeça*

*Vou lhe mandar uma caixinha de Minorativas,*

*Pastilhas purgativas*

*É impossível que não faça efeito!*